



ANDRÉ DA SILVA RAMOS

ROBERT  
SOUTHEY

---

E A EXPERIÊNCIA DA HISTÓRIA

---

---

Editora Milfontes    SBTHH

**Robert Southey**  
**e a experiência da História**



Copyright © 2019, André da Silva Ramos.

Copyright © 2019, Editora Milfontes; SBTHH.

Avenida Adalberto Simão Nader, 1065/ 302, República, Vitória - ES, 29070-0053.

**Compra direta e fale conosco:** <https://editoramilfontes.com.br>

**Distribuição nacional em:** [www.amazon.com.br](http://www.amazon.com.br)

[editor@editoramilfontes.com.br](mailto:editor@editoramilfontes.com.br)

Brasil

## **Editora Milfontes:**

### **Editor Chefe**

Bruno César Nascimento

### **Conselho Editorial**

Prof. Dr. Alexandre de Sá Avelar (UFU); Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior (UNICAMP); Prof. Dr. Arthur Lima de Ávila (UFRGS); Prof. Dr. Cristiano P. Alencar Arrais (UFG); Prof. Dr. Diogo da Silva Roiz (UEMS); Prof. Dr. Eurico José Gomes Dias (Universidade do Porto); Prof. Dr. Fábio Franzini (UNIFESP); Prof. Dr. Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University); Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Helena Miranda Mollo (UFOP); Prof. Dr. Josemar Machado de Oliveira (UFES); Prof. Dr. Júlio Bentivoglio (UFES); Prof. Dr. Jurandir Malerba (UFRGS); Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Karina Anhezini (UNESP - Franca); Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Beatriz Nader (UFES); Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel (UFOP); Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rebeca Gontijo (UFRRJ); Prof. Dr. Ricardo Marques de Mello (UNESPAR); Prof. Dr. Thiago Lima Nicodemo (UNICAMP); Prof. Dr. Valdeci Lopes de Araújo (UFOP); Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Verónica Tozzi (Universidad de Buenos Aires).

## **Conselho Científico e Editorial SBTHH**

### **Presidente**

Durval Muniz de Albuquerque Jr. (UFRN)

### **Diretor de Publicações**

André de Lemos Freixo (UFOP)

### **Membros:**

Alexandre Avelar (UFU); Beatriz Vieira (UERJ); Carlos Fico (UFRJ); Cássio Fernandes (UNIFESP); Durval Muniz de Albuquerque Júnior (UFRN); Estevão de Rezende Martins (UnB); Hans Ulrich Gumbrecht (Stanford University); Helena Mollo (UFOP); Henrique Estrada Rodrigues (PUC-Rio); João Paulo G. Pimenta (USP); Julio Bentivoglio (UFES); Lucia Maria Paschoal Guimarães (UERJ); Luiz Costa Lima (PUC-Rio); Mara Cristina Rodrigues (UFRGS); Marcelo Gantus Jasmin (PUC-Rio); Marcia Barbosa Mansor D'Alessio (UNIFESP); Marcia de Almeida Gonçalves (UERJ); Maria da Glória de Oliveira (UFRRJ); Pedro Spinola Pereira Caldas (UNIRIO); Sérgio da Mata (UFOP); Valdeci Lopes de Araujo (UFOP).

ANDRÉ DA SILVA RAMOS

# Robert Southey

## e a experiência da História

*conceitos, linguagens, narrativas e metáforas cosmopolitas*



**EDITORA MILFONTES**



Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação digital) sem a permissão prévia da editora.

### **Revisão**

De responsabilidade exclusiva do autor

### **Capa**

Imagem da capa:

*Joseph Mallord William Turner (1775-1851): Snow Storm – Steam-Boat off a Harbour's Mouth, 1842. Londres. Tate Gallery.*

Foto do autor:

*Saulo Rios*

Bruno César Nascimento - *Aspectos*

### **Projeto Gráfico e Editoração**

Weverton do Amaral

### **Impressão e Acabamento**

GM Gráfica e Editora

## **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

R175r RAMOS, André da Silva.

Robert Southey e a experiência da História: conceitos, linguagens, narrativas e metáforas cosmopolitas

Vitória: Editora Milfontes; Mariana: SBTHH, 2019.

284 p. : 20 cm

Inclui Bibliografia.

ISBN: 978-85-94353-59-7

1. Historiografia 2. Southey 3. Narrativa I. Ramos, André da Silva

# Sumário

<b>Prefácio</b> .....	7
<b>Apresentação</b> .....	11
<b>Introdução</b> .....	23
<b>Capítulo 1: Robert Southey viajante: da (im)possibilidade de se aprender com a experiência da história de Portugal</b> .....	53
<i>Da (in)existência do Gênio e do Gosto</i> .....	53
<i>Ironias, Sátiras e Metáforas</i> .....	67
<i>Nos horizontes da linguagem da polidez</i> .....	81
<i>Entre a linguagem da polidez e a dignidade gótica</i> .....	102
<b>Capítulo 2: Os desafios da escrita da história: meta-narrativa, erudição e ambivalência</b> .....	119
<i>Perspectivas cosmopolitas de escrita da História</i> .....	119
<i>Da tradução para o inglês de um passado em comum</i> .....	143
<i>O entrelaçamento entre passados épicos</i> .....	154
<i>Entre a escrita da história filosófica e a escrita da histórica contemporânea</i> .....	167
<b>Capítulo 3: Dos usos da escrita da história: A projeção da unidade Imperial na <i>História do Brasil</i></b> .....	185
<i>Entre a impossibilidade da empatia e o valor do legado português</i> ..	185
<i>A tessitura da síntese da unidade étnica e política do Império</i> .....	200
<b>Capítulo 4: Entre a narrativa da decadência e a estetização do passado</b> .....	225
<i>Causalidades e conjunturas históricas da decadência no Political and Moral State of Portugal</i> .....	225
<i>Climas históricos em conflito</i> .....	239

**Considerações Finais..... 261**

**Referências Bibliográficas ..... 269**

## *Prefácio*

Entusiasta da independência brasileira, mesmo que sem pensá-la como uma ruptura revolucionária, Robert Southey foi um dos profetas da nação continental. Como bem prova o livro que estão prestes a ler, o autor inglês estava familiarizado com os debates do reformismo ilustrado luso-brasileiro. Levou ao mundo britânico, às vésperas de sua própria projeção imperial, a ideia da mistura de raças como uma estratégia para viabilizar a civilização europeia em áreas coloniais. A história da “História do Brasil” de Southey foi profundamente marcada pela aceleração dos acontecimentos políticos nas primeiras décadas do século XIX, mais do que apenas produto de um projeto erudito e intelectual, resultou de fatores sociais e políticos complexos e em constante mudança, como demonstram as análises de André Ramos.

Planejada como último volume de uma obra monumental sobre o império português, a parte sobre o Brasil seria antecipada a conselho de seu experiente tio, Herbert Hill, que em Lisboa por volta de 1806, percebia a centralidade que a porção americana do império estava prestes a ganhar. O que então fora planejado como último, único e menos interessante volume da história do Império luso tornou-se um imponente edifício de três seções publicadas em 1810, 1817 e 1819 sobre o emergente e prometido império do Brasil. Não pouco sofrimento, aprendizado e transformação marcou esse deslocar-se do castelo e do cavalheiro medieval ibéricos às matas e aos selvagens da América do Sul.



Em sua formação para escrever a história de Portugal e da Península Ibérica, Southey viajou por essas regiões e peregrinou por ruínas medievais e sítios famosos na literatura cavaleiresca. O Brasil, no entanto, foi-lhe estranho, conhecido apenas pela vasta coleção documental que reuniu. Mesmo assim, alimentou justificadas esperanças de perpetuar sua fama literária como o Heródoto brasileiro. De fato, difícil seria exorcizar nossa historiografia desse fantasma, mais bem fez André Ramos em invocá-lo ao presente e em segui-lo ao passado, conduzindo o poeta laureado à terra que nunca visitou.

Um aspecto inovador nesse encontro entre Ramos e Southey é justamente a recuperação da dimensão atlântica que tornou possível uma poderosa circulação de homens, experiências, metáforas, conceitos e narrativas. Assim, no lugar de uma cansada história intelectual sempre em busca da leitura mais perfeita dos mestres europeus, de sua divulgação dócil entre os nativos tropicais, o livro de André Ramos surpreende o pensamento em seu acontecer entretido por diferentes forças, lugares e situações. Interessou-lhe menos as intenções e trajetórias autorais e mais esses acontecimentos pouco identificáveis com nomes próprios que são os conceitos e fenômenos que documentam e informam a experiência.

Do ponto de vista do uso das fontes, a pesquisa de Ramos não se limitou aos textos canônicos publicados, mas entre o período de 1795 a 1829 abordou grande variedade de pequenos textos e cartas para mapear as hesitações e diálogos que Southey manteve com seus contemporâneos em diferentes cenários cosmopolitas. A leitura e tradução deste vasto material em língua inglesa deve ainda ser destacada como parte importante desse esforço de desatualizar os horizontes historiográficos que até então tínhamos disponíveis para o encontro com a obra de Southey em língua portuguesa.

Parte fundamental da tarefa da historiografia moderna foi sincronizar as sociedades nacionais com um tempo uniforme e organizado. O trabalho de Ramos sobre Southey nos mostra que esse processo não foi linear, nem livre de ambivalências. As diferentes camadas de temporalidade sempre resistiram aos esforços da historiografia, assim como os autores desconfiaram da efetividade das sincronizações produzidas. Não nos parece de pouca relevância o fato de um natural de Mariana como André Ramos, com a presença e o porte que facilmente passaria por um dos mestiços bandeirantes que tanto impressionaram Southey, ser o guia na viagem nunca completada do poeta laureado britânico à realidade americana.

Como toda viagem no tempo tem seus riscos, nosso bandeirante não ficou indiferente à poesia e imagens do passado gótico reinventado, das utopias civilizatórias radicais e da evasão sentimental dos Coleridges, Wordsworths e Byrons. Em Londres, Lisboa ou Paris, precisou despir-se de gibão e perneira para reconhecer os códigos sociais em colapso, entre as maneiras dos salões ilustrados e o sentimentalismo burguês. Nessa bandeira de resgate, o encontro com Southey e seu sequestro para Mariana-Ouro Preto não deixaria marcas menos discretas no poeta historiador. Não será difícil ao leitor ou leitora reencontrar essas marcas no texto que segue, um Southey presente, indicador de uma historiografia menos solar, capaz de abrir-se ao outro mesmo quando isso desafie seus instintos mais enraizados. Essa abertura não está livre de violência, por isso seus limites, além de cognitivo, deve ser também ético-político.

O trabalho de André Ramos inova ao enfatizar o diálogo, o que surpreende em um ambiente historiográfico em que o silenciamento ou a ignorância programática parece predominar quando se trata de reconhecer, talvez isso explique em parte os baixíssimos índices de citação em nossa produção acadêmica contemporânea. Na contramão dessa tendência, Ramos intensifica

o diálogo de modo amplo e generoso, exercita a circulação das ideias e experiências quando não se deixa seduzir pela citação servil da literatura estrangeira.

Por fim, mas não menos importante, a pesquisa tem ainda o mérito de mobilizar objetos pouco explorados na investigação historiográfica, como são os climas históricos tratados em seu capítulo conclusivo. Por tudo isso acredito que o livro de André Ramos exercita uma historiografia inatual, menos preocupada em recolocar no contexto aquilo que nunca esteve fora dele, mas capaz de desorganizar nossas imagens congeladas do ontem e do hoje. Desatualizar a historiografia significa mostrar que o histórico não se limita a um passado morto, nem o historiador a uma espécie de taxidermista oitocentista. O histórico é vivo como um oceano em que passado, presente e futuro se misturam no fluxo e refluxo das temporalidades, mais como um líquido a adquirir formas provisórias do que continentes imóveis a serem reconstruídos como um *puzzle* de pequenas peças estáveis e destinadas a formar sempre a mesma imagem. Embora em momentos de crise muitos se deixem levar por velhas palavras de ordem autocongratulatórias, a esperança de a verdade histórica poder ser reduzida à simples coleção de fatos é mais do que nunca uma infame ilusão. A verdade será sempre mais complexa e ambivalente, como demonstraram André Ramos e Robert Southey.

*Valdei Araujo*

*Mariana, 05 de agosto de 2019.*

## *Apresentação*

*There was a certain Pisander whose name has been preserved  
in one of the proverbial sayings of the Greeks, because  
he lived in continual fear of seeing his own ghost. How  
often have I seen mine while arranging these volumes for  
publication, and carrying them through the press!*

*(Robert Southey – The Doctor, Postscript)*

É um prazer muito grande após alguns anos de relativo distanciamento retomar este trabalho. O presente livro é fruto das investigações que resultaram na minha dissertação de mestrado, defendida em novembro de 2013. Para a presente versão realizei uma revisão do texto e dos excertos em língua inglesa que foram citados, visando o aprimoramento da correção, o aperfeiçoamento do estilo e o polimento das elaborações teórico-históricas. Mesmo com as modificações que julgo importantes e enriquecedoras, pretendi não alterar de forma radical as características basilares do trabalho.

As alterações realizadas no título dizem respeito à amplitude da reflexão teórico-histórica já expressa na dissertação *Robert Southey e a experiência da história de Portugal: conceitos, linguagens e narrativas cosmopolitas*, que não se limitou às apreciações de Southey sobre Portugal e à análise relativa à função da performance da linguagem em sua dimensão estritamente referencial. Abordei em diversas seções as interfaces não conceituais presentes nas metáforas em vigor nos escritos

do autor e de seus contemporâneos, como também tematizei os climas evocados em suas enunciações. Assim, creio que o título *Robert Southey e a experiência da história: conceitos, linguagens, narrativas e metáforas cosmopolitas* faz mais justiça às qualidades teórico-historiográficas do trabalho.

Iniciei a empreitada de estudar os escritos de Southey ainda na graduação, especificamente no segundo semestre de 2009. Em 2011 iniciei o mestrado em História no programa de pós-graduação da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Foram mais de quatro anos em interação com os contextos que se enredam à obra do letrado britânico. Sempre tive o desejo de publicar os resultados da investigação em formato de livro. Especialmente perante a motivação que recebi da banca avaliadora, formada pelo orientador da pesquisa, professor Valdei Araujo (UFOP), e pelos professores Marcelo Rangel (UFOP) e Marcelo Gantus Jasmin (PUC-RJ), que recomendaram o trabalho para publicação. Muito para além do incentivo, sou grato aos professores pelas leituras generosas e desafiadoras ao meu trabalho, que ainda hoje fazem eco.

Apesar de no doutorado ter me concentrado sobremaneira nos escritos de Machado de Assis, o que em grande medida me impediu de publicar o presente trabalho anteriormente, não me afastei completamente dos escritos de Southey e dos problemas teórico-historiográficos em questão. Em parceria com o professor Valdei Araujo e com a colega de pós-graduação Tamara Rodrigues, pude publicar artigos que giraram em torno da tematização da modernização da experiência da história em escalas transatlânticas, envolvendo a circulação de escritos entre a Grã-Bretanha, França, Portugal e Brasil na virada do século XVIII para o XIX. Especificamente com relação à obra de Southey, expandi a pesquisa em um artigo para a *Revista ArtCultura*, publicado em 2017, que trouxe novos desdobramentos sobre a circulação dos seus escritos no mundo lusófono.

Naturalmente, as experiências que acumulei com as pesquisas e demais atividades acadêmicas empreendidas ao longo dos anos do doutoramento foram decisivas para a revisão realizada. Destaco a tradução do livro de Berber Bevernage, *History, Memory and State-Sponsored Violence*, em parceria com Guilherme Bianchi, e a entrevista com Ethan Kleinberg, *Ethan Kleinberg: Theory of History as Hauntology*, empreendimentos que me motivaram a uma revisão sistemática das traduções apresentadas neste livro. Ademais, a experiência advinda dos anos de pesquisa no doutorado possibilitou a realização do refinamento das hipóteses teórico-históricas relativas ao presente livro.

A publicação deste livro é o coroamento de anos de trabalho em grupo, o que foi decisivo tanto para a redação inicial da dissertação quanto para a presente releitura e atualização. Essa intensa atividade de pesquisa em grupo emergiu impulsionada pela atuação do professor Valdeci Araujo, cuja ampla e diversificada produção acadêmica e orientação foram decisivas para a existência deste trabalho, inescapavelmente conectado aos seus projetos de investigação sobre a modernização da experiência da história no mundo lusófono e de aberturas teórico-históricas para a produção de “analíticas da historicidade”. Agradeço por sua orientação, compreensão, amizade e motivação ao longo desses mais de 10 anos de colaboração.

As minhas pesquisas em torno da produção de Robert Southey se deram em consonância com as de Thamara Rodrigues a respeito da obra de Francisco Solano Constâncio. Ambos os trabalhos surgiram em um clima de motivação mútua e solidariedade. Para além da amizade, devo agradecimentos à Thamara pela colaboração contínua ao longo desses anos.

Somando a essa empreitada coletiva, devo agradecer e ressaltar as contribuições, amizade e inspiração que vieram de

Bruno Franco Medeiros e do professor Marcelo Rangel. Com Bruno, tive a experiência de aprender muito a propósito do estágio docência no mestrado, realizado sob sua orientação, e com o seu livro que girou em torno da obra de Alphonse Beauchamp. Por sua vez, pude desfrutar da intensa colaboração e amizade do professor Marcelo Rangel, que chegou à UFOP em 2011 para a realização de estágio pós-doutoral. Suas reflexões sobre a compreensão melancólica da história nos escritos dos primeiros românticos brasileiros foram de grande inspiração para que aprofundasse as análises relativas às ambivalências presentes na concepção de história vazada nos textos de Southey e seus contemporâneos.

Em consonância ao diálogo com as produções em âmbito nacional colocada em destaque, essa pesquisa se constituiu em interação com as contribuições de Reinhart Koselleck e J. G. A. Pocock para os estudos teórico-historiográficos. Os estudos de ambos os autores sobre a modernização da experiência da história foram decisivos para a elaboração dos contornos contextuais dessa investigação em suas dimensões sincrônica e diacrônica, responsável por tematizar como as compreensões de história expressas por Southey emergiram da circulação transatlântica de textos, que enredaram a cultura histórica britânica e a luso-brasileira. Nesse sentido, a partir desses autores, tematizei como em meio a Southey e seus contemporâneos se processaram as tensões relativas à modernização da experiência, que implicaram no abalo à normatividade do passado e a tensa abertura do futuro para prognósticos, em um contexto de crises e revoluções desencadeadas pela aceleração da experiência histórica. Desse modo, procuro mostrar como a possibilidade de aprendizado com o passado estava condicionada à sua incorporação à macronarrativas de formação, capazes de evidenciar as conexões entre presente, passado e futuro, atenuando a desorientação.

Este livro também se conecta ao estágio de doutorado sanduíche que realizei na Stanford University no ano letivo 2015 – 2016, uma vez que pude contar com a colaboração do professor Hans Ulrich Gumbrecht, que me orientou durante essa oportunidade sempre de forma desafiadora. A sua produção que tematiza a evocação da presença do passado e a emergência de climas históricos (*stimmungen*) foi crucial para a abordagem ao longo do livro das experiências de intensidade evocadas nos escritos de Southey e de seus contemporâneos, que se constituíram em interface com as demandas pragmáticas de produção de sentido. Especialmente na última seção do capítulo 4 dou mais densidade a essa reflexão. A ideia para a concretização dessa parte do texto aconteceu em um minicurso ministrado pelo professor Gumbrecht na UFOP em 2013. Aproveito para dedicar essa parte do texto em especial ao tão generoso e querido Sepp, a quem sou muito grato.

Assim sendo, apresento no primeiro capítulo do livro os horizontes discursivos e estéticos que envolveram a primeira obra em prosa de Southey, as *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal* (1797), com o intuito de compreender como o jovem letrado britânico deu significação à história, literatura e sociedade portuguesa. A partir de um amplo mapeamento do campo semântico da obra, analiso como Southey, em sua primeira viagem a Portugal, escreveu um relato depreciativo sobre o reino. Demonstro como o letrado mobilizou recursos narrativos variados como metáforas, ironias e sátiras que visavam instaurar um clima capaz de conduzir os leitores a uma apreciação negativa da experiência da história de Portugal, ensejando a tessitura de uma pedagogia para as outras nações. Destaco também neste capítulo como as reedições das *Letters* e o projeto de escrita da *História de Portugal* de Southey apresenta uma nova apreciação a respeito da experiência da história do reino. A intenção é demonstrar o que mudou entre a primeira



viagem de Southey, entre 1795 e 1796 e a segunda entre 1800 e 1801. Argumento que essa mudança de perspectiva documenta o comprometimento do letrado com os pressupostos da erudição e prospecção filosófica característicos da historiografia moderna, assim como reflete a crise dos projetos de polidez do século XVIII, que foram desafiados pela exigência de novas apreciações das tradições góticas.

No segundo capítulo, analiso como Southey lançou as primeiras balizas do seu projeto de escrita da *História de Portugal*, com destaque tanto para os métodos de pesquisa mobilizados, quanto para os intercâmbios com os membros da Academia Real de Ciências de Lisboa. Investigo em que medida os textos dos letrados portugueses atendiam às demandas eruditas, filosóficas e historiográficas de Southey, especificamente as suas reflexões sobre a importância dos cronistas para a composição de uma história que desvelasse as causas da decadência de Portugal. A partir da reconstituição de elementos do projeto historiográfico de Southey, exploro a dinâmica polissêmica dos conceitos, linguagens, narrativas e metáforas disponíveis para o letrado britânico. Ressalto o seu engajamento simultâneo em projetos político-historiográficos que visavam a regeneração das tradições góticas, demanda ampliada com as Guerras Peninsulares, como também em projetos engajados no desmascaramento da decadência das instituições ligadas historicamente ao catolicismo.

No terceiro capítulo, analiso as dimensões imperiais do projeto de escrita da *História de Portugal*. Na primeira seção, discuto a partir da recepção do volume inaugural da *História do Brasil*, publicado em 1810, os horizontes de (im)possibilidades do público leitor britânico ter empatia pela obra. Discuto como o objetivo maior de Southey não foi entreter o público leitor britânico e sim instruí-lo com relação à experiência colonizadora empreendida pelos portugueses. Na segunda seção, abordo como Southey realizou a esperada síntese filosófica sobre o estado

de desenvolvimento do Brasil e de suas populações no último capítulo do último volume da *História do Brasil*, publicado em 1819. Exploro como essa síntese, tão aguardada desde o primeiro volume da obra, surgiu marcada pelas expectativas de letrados luso-brasileiros com relação à manutenção da unidade do Império português. Enfatizo como Southey pretendia também abarcar as demandas político-históricas em vigor no campo discursivo luso-brasileiro, o que foi decisivo para a configuração de sua macronarrativa da unidade étnico-política do Império português.

No quarto capítulo, discuto como após a fragmentação do Império português, em um artigo publicado no *Quarterly Review*, em 1829, intitulado *Political and Moral State of Portugal*, Southey procurou demonstrar como a Independência do Brasil, a ascensão de Dom Miguel e a emergência das guerras civis eram eventos que se inscreviam em um processo de decadência de longa duração inexorável, agravado, por sua vez, pela crise conjuntural provocada pelas Guerras Peninsulares. Analiso os horizontes conceituais mobilizados por Southey para narrar a decadência de Portugal com o intuito de evitar que tal destino sobreviesse à Grã-Bretanha, mostrando como o letrado se valeu das enunciações de letrados luso-brasileiros para a composição do texto. Por fim, a partir de um diálogo com Hans Ulrich Gumbrecht, analiso como Southey se posicionou no *Political and Moral State of Portugal* perante as tensões dimanadas entre climas históricos conflitantes em vigor em relatos de viagens de letrados britânicos, que excitavam sensorialmente os leitores/observadores a reagirem às experiências estéticas evocadas pelas representações da história de Portugal.

Assim como as produções historiográficas e literárias de Southey não prescindiram do diálogo com as contribuições dos letrados portugueses e luso-brasileiros, é fundamental que destaque que tive a oportunidade de em 2012 realizar um estágio

na Universidade de Lisboa com o financiamento da Cátedra Jaime Cortesão/USP – Instituto Camões. Durante os meses de outubro e novembro pude contar com a acolhida e orientação do professor Sérgio Campos Matos na Universidade de Lisboa, frequentar as suas aulas e a Biblioteca Nacional. Essa estadia foi de suma importância para que estabelecesse contato com pesquisadores da obra de Southey, como a professora Maria Zulmira Castanheira da Universidade Nova de Lisboa, que me presenteou com diversos livros produzidos pelo CETAPS – the Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies. Também pude estabelecer uma proveitosa colaboração com Alexandre Dias Pinto, que está editando os manuscritos não publicados da História de Portugal de Southey. Sou grato aos professores e amigos em Lisboa pela recepção mais que acolhedora.

Agradeço aos discentes e docentes membros do Núcleo de Estudos em História da Historiografia e Modernidade (NEHM-UFOP) com os quais pude debater publicamente os resultados das investigações apresentadas em diversos momentos, sejam nos seminários internos ou nos simpósios do Seminário Brasileiro de História da Historiografia (SNHH). Agradeço aos discentes para os quais tive a oportunidade de lecionar na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) pelas trocas a respeito de temas que perpassam os campos da Teoria da História e da História da Historiografia, caros a este trabalho. Agradeço aos professores Andre Freixo, Temístocles Cezar, Maria da Glória de Oliveira, Mateus Pereira, Luisa Rauter, Helena Mollo, Marcelo Abreu, Luciano Rosa, Daniel Pinha, Francisco Souza, Rogério Arruda, Bruno Vittoretto e Vitória Fonseca pela amizade e colaborações acadêmicas. Agradeço especialmente à professora Keila Carvalho por todo o suporte e motivação dispensados na UFVJM.

Não poderia deixar de ressaltar a gratidão à minha família, meus pais Francisco e Lêda e à minha irmã Cláudia, por sempre terem me apoiado ao longo da minha trajetória. À Cecília por ter tornado os almoços em família mais alegres.

Agradeço ao meu amigo Saulo Rios pelo carinho e cuidado.

Agradeço especialmente ao amor e cuidado da minha companheira, Júlia de Melo Arantes, que ao longo dos últimos anos tem me apoiado em várias dimensões da minha vida e sido uma verdadeira interlocutora intelectual.

Por fim, agradeço ao financiamento da CAPES durante os anos de formação na pós-graduação em níveis de mestrado e doutorado e à Cátedra Jaime Cortesão/USP – Instituto Camões e à Fulbright/CAPES pelo financiamento dos estágios de pesquisa que tantos benefícios trouxeram à minha formação.